

# Memórias nada convencionais de um espécime em extinção

Quem encontrar com Luiz Hidelbrando Pereira da Silva em uma esquina qualquer, certamente não se sentirá perto de um dos raros exemplares de uma espécie em extinção. Mas a verdade é que o cientista brasileiro faz parte de um time que aos poucos vai perdendo, sem encontrar substitutos, seus titulares. Com mais da metade de seus 62 anos de vida passada entre reuniões e laboratórios, reserva a mesma paixão para se debruçar por horas sobre um microscópio para a análise das condições de vida de uma população. As soluções que encontra pas-

sam sempre pela própria ação. Assim não se intimida quando precisa arregaçar as mangas e partir para a reconstrução de países que se libertam. "Pertenço a uma espécie em via de extinção: o cientista politicamente engajado", sintetiza.

Este misto de político e cientista aparece de corpo inteiro, se revela em sua plenitude no livro de memórias, *O Fio da Meada*. Entreteando relatos de uma Paris fervendo seus caldeirões políticos, de uma Paraíba onde ainda era possível se encontrar o medo do *Papafigo* e uma São Paulo com ar de província, Hidelbrando prova que é possível tirar proveitos e emoções de cada hora do cotidiano.

**Exílio** — Hidelbrando vem de um tempo romântico em que era possível e arriscado entrar no Partido Comunista aos 15 anos. Entretanto, a consolidação de sua ideologia se fez na vida, constatando vir da fome o sintoma de verminose encontrado nos paraibanos do sertão, ou sentindo o drama da prisão na sucata de um transatlântico. Na prisão, fortaleceu o sentimento de solidariedade e brincou com a ignorância dos algozes, mas os "instantes se passavam na espera do instante seguinte".

Toda esta cultura política de esquerda o levou a um exílio, em princípio voluntário, mas logo compulsório. É certo que Hidelbrando ainda vive em Paris, mas sobretudo viveu um tempo em que a capital francesa fervia com as grandes questões políticas da América Latina.

cas da América Latina.

**Contradições** — Logo na abertura do livro, o autor, depois de falar no prazer que tem em ler autobiografias, se pergunta. "E nós? Cidadãos comuns. (...) Nós que nos ocupamos da rotina. Teríamos também coisas a dizer?". Certamente que sim,

sobretudo porque Hidelbrando não se limita a falar das personalidades com quem conviveu. Seu testemunho passa por figuras esquecidas ou mesmo desconhecidas. Nego Baiacu, Evaristo, Kunio Suzuki, David Lerner. Roberto Morena que,



apesar de bolchevique e anticlerical arraigado, mantinha fortes laços de amizades com os dominicanos parisienses e estampava a glória de já ter sido preso político em quase todos os países da América Latina.

Todas essas histórias ganham força e perenidade na prosa de Hidelbrando. Mas às vezes o autor cai em um certo pedantismo. É quando fala de seus trabalhos científicos e não consegue fugir de uma linguagem mais específica, criando monotonia e cansaço. Só que no final consegue retomar o fôlego e também revelar as emoções que podem haver na frieza dos laboratórios. No final, o que fica mesmo é o relato da história de brasileiros fundamentais para a construção gradativa da Nação. São crônicas de uma vida cercada de amigos. Memórias suas e alheias.

A vida de Hidelbrando é marcada pela contradição, embora ele tenha conseguido manter uma coerência inarredável. O exemplo está no choque entre marxismo e religião, que o autor diz tomar conta de amigos como Heron de Alencar, Mohamed Benahya e Roberto Morena, mas que também se apossa dele. Não resta dúvida do agnosticismo do quarteto. Entretanto, a cultura de cada qual se dava ao luxo de não criar limites, mas antes um profundo sentimento de respeito pelas verdades de cada homem. (Maurício Melo Junior)